

grammaticaes. Ella não se caracteriza, como as outras, por uma funcção determinada, quer no dominio da Lexeologia, quer no dominio da Syntaxe. O seu papel é traduzir um estado complexo e tumultuario do espirito, sem se relacionar grammaticalmente com o resto da proposição.

Desta sua attitude na phrase lhe veio o nome de *interjeição* (de *interjicere* = lançar entre).

Incorporada com as categorias grammaticaes pelos grammaticos romanos, dahi a querem excluir muitos grammaticos modernos, classificando-a de mero grito animal.

Entretanto, não somente a tradição lhe tem dado um logar na grammatica, mas ainda lhe dá certo direito o ser ella um grito de animal racional, que, com ser espontaneo, não deixa de ser portador de idéa. Ella não expressa, de facto, como as outras categorias, uma noção concreta ou abstracta, mas encerra uma noção collectiva ou synthetica, que photographa, em momento dado, um estado psychologico intelligivel. Tem ella, pois, uma missão grammatical, como parte integrante da linguagem humana.

### **Analógia de funcções**

215. Attendendo-se á *analógia* de suas funcções, as palavras, que constituem as categorias grammaticaes, podem ser agrupadas em trez classes, excluída a *interjeição*, pelo seu character anormal, a saber:

1.<sup>a</sup> NOMINATIVA, a que tem por funcção nomear seres: *substantivo* e *pronome*.

2.<sup>a</sup> MODIFICATIVA, a que tem por funcção modificar os seres, suas acções e qualidades: *adjectivo*, *verbo* e *adverbio*.

3.<sup>a</sup> CONNECTIVA OU RELACIONAL, a que tem por funcção ligar ou relacionar os termos na phrase: *preposição*, *conjunção*, *verbo de ligação*, *pronome* e *adverbio conjunctivos*.

### **Palavras objectivas e subjectivas**

216. A dois grandes grupos reduz ainda Bourciez as palavras de nosso lexico, a saber:

1.º PALAVRAS OBJECTIVAS, as que correspondem a uma idéa de representação bem definida, e teem um conteúdo positivo, taes são os *substantivos*, os *adjectivos* e os *verbos*.

2.º PALAVRAS SUBJECTIVAS, as que correspondem a uma idéa vaga e variavel, como o *pronome*, que designa por substituição seres "infinitamente variaveis, as *preposições* e as *conjuncções*, que indicam idéas de relação, trazem mera visão do espirito".

O adverbio, accrescenta o douto romanista, fórma uma categoria mixta, pois se uma palavra como *vehementemente* (*vehementer*) pela idéa de qualificação, que contem, muito se avizinha do *adjectivo*, por outro lado, uma palavra como *abi* (*ibi*), que designa um logar variavel, approxima-se por isso da categoria dos pronomes.

As palavras *objectivas* são pelo mesmo auctor chamadas *lexicographicas*, por que constituem a quasi totalidade de nosso lexicó; e as *subjectivas*, que são poucas e de que as *grammaticas* nos dão a lista, denomina-as *grammaticaes*.

## As categorias grammaticaes quanto á sua evolução

217. Já estudámos a classificação historica das categorias grammaticaes, desde os grammaticos gregos até nossos dias. Cumpre-nos, agora, lançar um olhar sobre a propria genese evolutiva dessas categorias, isto é, sobre como os conceitos geraes por ellas expressos se foram formando e fixando na evolução secular da linguagem.

Sobre o desenvolvimento genetico das categorias grammaticaes alguma coisa se poderá affirmar e outras conjecturar.

Para os que, como Whitney, vão buscar a origem da linguagem no primeiro grito de dor ou de raiva, que echoou no primitivo agrupamento de seres humanos, a *interjeição* (se a considerarmos palavra) deve ser a mais antiga das categorias grammaticaes.

Pondo de lado esta hypothese por inverificavel, e admitida a formação evolutiva da linguagem, é natural suppor

que o *substantivo*, como noção dos seres, apparecesse primeiro na lingua com o character de *adjectivo-substantivo*.

De facto, não podendo as nossas faculdades intellectivas apprehender a substancia ou *substratum* dos seres, mas somente as suas qualidades, que nos são dadas pela percepção externa localizada nos cinco sentidos corporaes, segue-se que só por meio dessas qualidades temos o conhecimento desses objectos ou seres. A percepção interna e a reflexão tão pouco nos fornecem o conhecimento directo da substancia. Ainda hoje os seres não são para nós mais do que a synthese das qualidades, que ferem os nossos sentidos ou o nosso senso intimo, e, consequentemente, o *substantivo* que nomeia os seres, é, em ultima analyse, a synthese dos adjectivos, que o constituem.

A distancia, diz Darmesteter, entre o substantivo e o adjectivo não é absoluta. Os substantivos, de que conhecemos a significação etymologica, reduzem-se, em ultima analyse, a adjectivos, pois não se pôde nomear uma coisa senão por suas qualidades; assim *um negro*, isto é, *um homem negro (africano)*, *uma capital*, isto é, *uma cidade capital*. Inversamente, o substantivo torna-se adjectivo, quando, fazendo-se abstracção do resto, delles nos servimos para designar uma só qualidade: *escarlata*, isto é, *uma fita escarlate*.

Convem, pois, concluir o distincto romanista, distinguir uma primeira parte do discurso — o *nome*, que se subdivide em *substantivo* e *adjectivo*. Esse character commum entre essas duas categorias grammaticaes expressavam-no os grammaticos romanos chamando-lhe *nomen substantivum* e *nomen adjectivum*. Devem, portanto, ter sido gêmeas estas duas categorias em sua genese historica.

Conjectura M. Bréal que o *pronome* foi a peça do mechanismo grammatical que primeiro surgiu. Julga ser essa categoria mais primitiva que o proprio substantivo, “porque ella exige menos invenção, porque é mais instinctiva, mais facilmente commentada pelo gesto”. O pronome, segundo o mesmo illustre professor do Collegio de França, acha-se na base e origem das linguas, e é por ter elle vindo oppor-se ás outras especies de palavras, que começou a operar-se a dis-

tincção das categorias grammaticaes (*Samantica*, 207, 208). Opinião é esta valiosa, por certo, porém discutivel.

O *verbo* é a palavra que exprime a acção, o movimento, a vida dos seres. Com toda a probabilidade, teve essa categoria grammatical sua origem historica logo após a intuição dos objectos, na observação do facto de se moverem elles no espaço e no tempo, nos phenomenos que férem nossos sentidos, apparecendo e desaparecendo em aspecto infinitamente variado. Estes *modos* de actividade, attribuidos aos seres, que se tornam seus *sujeitos*, “são por nós concebidos tanto em relação a nós mesmos, como em relação aos outros, sendo observada sua realização no tempo. Para assinalarem estas distincções nossos verbos possuem certas flexões particulares de *modo*, de *tempo* e de *pessoa*”.

Estas flexões verbaes não se formaram de um jacto, mas pouco a pouco, no desenvolvimento progressivo da linguagem. A ultima a formar-se foi, segundo Bréal, a do infinitivo presente.

As mais antigas categorias grammaticaes são, pois, o *nome* (subst. e adject.) o *pronome* e o *verbo*. O *adverbio*, a *preposição* e a *conjunção* são de data relativamente moderna. Entre estas categorias, como ainda declara Darmesteter, não existe distincção absoluta.

218. O ADVERBIO é, no dizer de Bréal, um antigo adjectivo ou substantivo sahido do quadro regular da declinação. O adverbio — *primum*, *ceterum*, *potius*, são antigos accusativos, e *crebro*, *subito*, *vulgo*, são antigos ablativos. A este caso tambem se reduzem os adverbios em *e*, taes como — *pulchre*, *recte*, *firme*. Desde o port. arch. tem-se generalizado este processo latino de se converter o adjectivo ou substantivo em adverbio, sem modificação em sua morphologia:

*O remo compassado fere frio* (C.). — *Certas, vos the dades a cabeça* (Chrest. Arch. 72) — *Seguiu via Lisboa* — *O louvor ergueria sua voz pondo ouro fio a balança dos bens duradouros e erros transitorios* (C. C. B. Lit. Port. 1.20).

Muitos adverbios teem sua origem relativamente recente na agglutinação de termos de um grupo de expressão —

*hoje* ← *hoc die* (neste dia), *agora* ← *hac hora* (nesta hora), *quiça* ← *quis sapit* (atrav. h. *quizá*), *jamais* ← *iam magis* (já mais). Ao mesmo processo veem filiar-se os advérbios de *modo* em — *mente*, formados no domínio do romance pela juxtaposição do adjectivo ao substantivo feminino *ment* = *maneira*, *modo*: *sabiamente*, *francamente*. (cf. *de boa mente*, *fera mente* — arch.)

219. A PREPOSIÇÃO não passa originariamente de advérbio, que, para maior clareza, se foi antepondo a certos casos latinos, como ao accusativo — *ad*, *in*, *per*, e ao ablativo — *ab*, *de*, *in*, *cum*, *sine*. Este habito se alargou na b. latinidade, e se tornou uma necessidade com a perda das desinencias casuaes. Com tal uso esses advérbios primitivos foram a pouco e pouco attenuando o seu sentido independente, indicativo de varias circumstancias, e foi assumindo a funcção quasi exclusiva de particula prepositiva relacional.

Tornando-se um termo abstracto, um mero connectivo intervocabular, assumiu o character de uma nova categoria com funcção especial.

220. A CONJUNCCÃO, como a preposição, é uma transmutação do advérbio em particula connectiva. O habito fez de certos advérbios connectivos interproposicionaes, p. ex.: *como* ← *quomodo* (quo modo), *que* pronome deu-nos *que* conjuncção, *porém* ← *por en* (pro inde); *logo*, *ora*, *mal*, *apenas*, *embora*, *tambem*, *consequentemente*, são advérbios, que assumem a cada passo na phrase funcção conjunctiva.

## As categorias grammaticaes quanto á flexão

221. Sob o aspecto da flexão, as categorias grammaticaes separam-se em dois grupos:

a) As *flexivas* ou *variaveis*: substantivo, adjectivo, pronome e verbo.

b) As *inflexivas* ou *invariaveis*: advérbio, preposição, conjuncção e interjeição.

O *adverbio*, apesar de incluído geralmente no grupo das inflexivas, apresenta, comtudo, um caracter mixto, pois algumas de suas classes são susceptíveis de grau de significação, como adiante veremos. — As proprias particulas adverbias, que denominamos *preposições*, recebiam originariamente flexões gradativas, como ainda attestam as palavras — *intimo*, superl. de *in*; *prior*, compar. de *pro* (antes), e *primo*, superlativo.

A este capitulo da Morphologia denomina-se *flexionismo*, termo de origem latina; preferem outros dar-lhe nomes gregos, taes como — *campnomia*, *camptologia*.

---

## CAPITULO IV

### FLEXIONISMO

222. FLEXIONISMO (lat. *flectere* = *dobrar*) é o estudo das flexões das palavras, phenomeno glottico, que caracteriza as linguas aryanas e semiticas, por isso chamadas *flexivas* ou *de flexão*.

*Flexão* ou *inflexão* é a variação ou mudança de desinencia, que soffrem o substantivo, o adjectivo, o pronome, o verbo, e, em grau restricto, o proprio adverbio, para indicarem os accidentes de — *numero*, *genero*, *grau*, *caso*, *modo*, *tempo* e *pessoa*.

O caracter flexivo das linguas aryanas e semiticas abrangem tambem as *flexões internas*, chamadas *deflexões* ou *apophonias*, que consiste na mudança da vogal da raiz sob a influencia de prefixos, p. ex.:

*amicum* = *amigo*, *inimicum* = *inimigo* (*in* + *amicum*), *facere* = *fazer*, *perficere* = *perfazer* (*per* + *facere*). *aptum* = *apto*, *ineptum* = *inepto* (*in* + *aptum*).

O port. foi refractario a estas apophonias determinadas pelo prefixo, e reagiu contra algumas dellas, p. ex.: *Perfazer* (cf. *perficere*), *inapto* ao lado de *inepto*, *rafazer* (cf. *reficere*).

## Declinação latina

223. Possuía o latim para os nomes e pronomes um systema de flexões chamadas *casos*, que tinham por intuito indicar as funcções syntacticas dessas palavras ou as suas relações na phrase. O conjuncto desses casos no singular e no plural constitue o que se chama a *declinação* latina. Havia *cinco* declinações, e cada uma tinha *seis casos*, a saber: *nominativo*, *genitivo*, *dativo*, *accusativo*, *vocativo*, *ablativo*. E ha ainda vestigios de ter havido, anterior ao periodo classico, mais dois casos, o *locativo* e o *instrumental*.

Cada um desses casos se caracterizava, no singular e no plural, em cada declinação, por flexões ou desinencias especiaes. Esta riqueza flexional dos nomes obliterou-se nas linguas romanicas, deixando-nos apenas vestigios. Sendo o *accusativo* o *caso etymologico*, como o demonstra Diez, delle procedem as palavras de nosso lexico, oriundas do latim. Não obstante isso, encontramos dos outros casos vestigios, não fallando do caso obliquo do pronome pessoal, que estudaremos na Syntaxe. Assim temos, oriundos do —

a) **NOMINATIVO**: Cicero, Luiz (Ludovicus), Carlos, Plato (cf. Plátão), Thomaz, Moysés, Jupiter, Juno, Apollo, Pallas — serpe, drago (cf. dragão), cabo, cancer (cf. cancro), ladro (cf. ladrão), jus, cór (de cór), sangue, tredo, virgo (cf. virgem), leo (cf. leão) — andar com a cabeça ao leo (= descoberta), elle, este, esse, aquelle.

b) **GENITIVO**: aqueducto (aquae ductus), terremoto (terraemotus), cabisbaixo (capitis bassus), cabiscol (caput scholae), condestavel (comes stabuli), juriconsulto (juriconsultus), jurisdicção, jurisprudencia, legislação (legis lationem), mappamundi, filho-familias, mordomo (major domus), petróleo (petroe oleum), pimpolho (pampani oculus), senatus-consulto, ourives (aurifex), ouropel (auri pellum b. lat.), triumviro, duumviro.

c) **DATIVO**: crucifixo (cruci fixum), fideicomisso, fideicommissario.

d) **VOCATIVO**: avemaria (Ave, Maria).

e) **ABLATIVO**: bofé (arch. bofá, bofás — bona fide), hoje (hoc die), agora (hac horâ), como (arch. coma — quomodo), doravante (de + ora + in + ab + ante), boa mente (de boa mente — bona mente — bona mente factum, Quint. V. 10, 52), amanuense, usufructo. e os advs. — raro *manifesto*, *subito*, etc.

## Flexão do substantivo

224. Os substantivos em portuguez, como em latim, flexionam-se em *genero* e *grau*.

225. GENERO. Ha em latim trez generos grammaticaes — masculino, feminino e neutro.

O neutro (lat. *neutrum* = *nem um, nem outro*) é o genero ou classe de nomes que não são incluídos nem na classe dos masculinos nem na classe dos femininos. O neutro foi rejeitado pelo portuguez e por suas co-irmãs.

De ordinario os substantivos conservam em portuguez o genero *etymologico*, isto é, o genero que a palavra tinha em latim. Porém, como observa Chassang, já havia no seio do proprio latim classico grande oscillação generica, oscillação aggravada pela confusão, que sobre o ponto lavrava no latim popular. Não podia, pois, o portuguez escapar, como veremos na Syntaxe, á incerteza ou variação generica em sua evolução. No v. port., eram masculinos e hoje femininos — *coragem, homenagem, linhagem, bagagem, origem, pyramide, safira, epigrapha, anecdota, tribu*. E *vice-versa*, eram femininos e são hoje masculinos — *fim, planeta, cometa, mappa, epiphonema, enthimema, echo, estratagemas, synodo, grude, chisma*.

S'eu zombo. inda em dano vejais vos mui cedo a fim (C., Obsr 1, 67, 68)... sua scisma babylonica (J. de B., Dec. Prol.).

226. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O GENERO LATINO. Sobre o genero grammatical dos substantivos vêm a ponto as seguintes considerações:

1. A desinencia **o** dos nomes tornou-se em portuguez a característica ou o expoente do genero masculino, por uma extensão analogica com os nomes da 2.<sup>a</sup> declinação latina, que eram em geral masculinos e vieram a terminar em **os**: *servum*  $\rightsquigarrow$  *servo*, *librum*  $\rightsquigarrow$  *livro*.

2. Por motivo semelhante, a desinencia **a** característica da 1.<sup>a</sup> declinação, cujos nomes eram, em geral, femininos, tornou-se o expoente do genero feminino: *horam*  $\rightsquigarrow$  *hora*, *mensam*  $\rightsquigarrow$  *mesa*.

3. Generalizadas estas duas desinencias — **o** e **a**, como expoentes respectivamente do masculino e do feminino, **a** ellas se assimilaram, por analogia, os nomes neutros latinos.



Assim os neutros da 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> declinação latina, que vieram a terminar em **o** incorporaram-se com os masculinos, como — *periculum* → *perigo*, *templum* → *templo*, *regnum* → *reino*, *corpus* → *corpo*. Alguns neutros no plural, terminados em **a** confundidos com o singular dos nomes femininos da 1.<sup>a</sup> declinação, passaram a ser considerados singular femininos: *folha* → *folia* (pl. de *folium*); *obra* → *opera* (plural de *opus*), *vestimenta* → *vestimenta* (pl. de *vestimentum*); *maravilha* → *mirabilia* (pl. de *mirabilium*). De sorte que nomes neutros latinos do plural, deram, por uma *falsa analogia*, nomes femininos do singular.

4. Além dos neutros, outros substantivos mudaram de genero ao passarem para o portuguez, taes como — *florem* → *flor*, *dolorem* → *dor*, *colorem* → *cor*, que, sendo masculinos em latim, se tornam *femininos* em portuguez.

5. Os nomes das letras do alfabeto eram femininos em latim, como o são ainda em hespanhol e italiano; são masculinos em portuguez: o *a*, o *be*, o *ce*, etc.

6. E nomes ha cujo genero é duplo ou duvidoso, como — *personagem*, *sentinella*, *trama*, *cholera* (*morbo*), *casca-vel*, *larynge*, *phalange*, *genesis*, *phantasmas*, *phenix* (ap. Bluteau). Exs.:

Uma porta abre-se lentamente e um novo personagem apparece (A. H. L. e N. 17) — E' para elles uma especie de genesis historico (A. H. Hist de Port. 2) — Sim, com esta phantasma, ingenua, amavel, bella, é que eu fujo (A. C., Mis. 161) — Um só empacho havia quem esse cascavel iria atalhar-lhe? (F. Elvs. Fab. 57).

7. Os nomes em — *or*, — *ol*, — *ez* eram no v. port. *uniformes* em genero: — o *pastor* e a *pastor*, o *senhor* e a *senhor*, *mulher peccador*, *minha ajudador*, *lingua hespanhol* e *portuguez*.

Senhor tremosa, eu vo'-lo direi (Crest. Arch. 303) — Ai mui tremosa mia Senhor (Ib. 304) — Amercea-te de mim que molher peccador são (Ib. 104)... duas cartas uma escrita em Arabigo e outra em lingua Portuguez (J. de Barros, Dec. I. 335) — Oy (ouvi) oj'eu hua pastor cantar; eu cavalgava por hua ribeira e pastor senlheira (S. de Almeida O. Vern.).

227. NUMERO. Ha em latim dois numeros — o *singular* e o *plural*.

Cedo perdeu o latim o *dual*, que subsiste em grego e hebraico, e que se estendeu largamente do dominio aryano. Parece ter sido o *dual*, no sentir de alguns glottologos, a concepção primitiva e rudimentar da pluralidade. Do *dual* só conservou o latim *ambo* e *duo*, que forneceram os unicos vestigios desse numero em portuguez — *ambos* e *dois*.

228. ORIGEM DO S COMO EXPOENTE DO PLURAL EM PORTUGUEZ. — O plural de um substantivo em latim era multiplo: cada *caso* tinha sua fórmula especial de pluralidade. Obliterados os casos pelo ensurdecimento da syllaba final, sobreviveu, entretanto, o *accusativo*, como o *caso etymologico*, que nos deu o typo da fórmula plural, a flexão do plural dos nomes. Esta flexão é o *s* da desinencia, que caracterizava os accusativos pluraes das cinco declinações latinas: 1.<sup>a</sup> decl. — *horas*; 2.<sup>a</sup> decl. — *servos*; 3.<sup>a</sup> decl. — *consules*; 4.<sup>a</sup> decl. — *manus*; 5.<sup>a</sup> decl. — *dies*.

Deste facto historico veio-nos o *S* como *expoente* do plural em portuguez.

229. HISTORIA DO PLURAL EM PORTUGUEZ. Na evolução do accusativo plural dos nomes para o portuguez soffreram os vocabulos alterações morphologicas, que convem examinar.

1.<sup>o</sup> Os nomes que actualmente terminam em — *al*, — *ol*, — *ul*, faziam o plural no v. port. de accordo com a tradição latina, em — *ales*, — *oles*, *ules*: *capital* — *capitales*, *sol* — *soles*, *paul* — *paules*. Do sec. XVI em diante, pela queda do *l* intervocalico, fixaram-se os pluraes — *capitales*, *soes*, *paues*. O *l*, entretanto, resistiu nas seguintes palavras, que constituem actualmente excepções: *males*, *reales* (moeda hespanhola) *cales* (cano), *consules*.

2.<sup>o</sup> Os nomes terminados em — *el*, *il*, faziam semelhantemente o seu plural no v. port. de accordo com a tradição latina, em — *elles*, — *iles*: *papel* — *papeles*, *facil* — *faciles*, *fusil* — *fusiles*. Dada a queda do *l* intervocalico do sec. XVI em diante, devia ter-se produzido o hiato pelo conta-

cto de duas vogaes semelhantes — *eles-ees* — *īles-ies* — *īles-īes*. Nos dois primeiros casos a lingua destruiu o *hiato*, que lhe repugna, pela diphthongação euphonica (*ees*=*eis* *īes*=*eis*); no ultimo, pela *crase* (*īes*=*is*), pois a prepositiva accentuada assimila e absorve a subjunctiva átona.  
Exs.:

Amabiles	⇒⇒⇒	anabies	⇒⇒⇒	amaveis
Revel(l)es	⇒⇒⇒	revees	⇒⇒⇒	reveis
Imbeci(l)es	⇒⇒⇒	imbecies	⇒⇒⇒	imbecis

3.º Os nomes que hoje terminam em *ão*, tinham no v. port. até o sec. XVI, trez terminações respectivamente correspondentes cada uma a seu typo morphologico latino, tanto no singular como no plural; desse seculo para cá uniformizaram-se por analogia sob a fórmula *ão*, no sing.; porém conservaram-se diferenciadas no plur., como se vê do seguinte quadro moldado sobre o que nos apresenta o eminente romanista Dr. J. Leite de Vasconcellos em suas *Lições de Philologia Portugueza*:

germanum	⇒⇒⇒	ermano	⇒⇒⇒	irmão
germanos	⇒⇒⇒	ermanos	⇒⇒⇒	irmãos
manum	⇒⇒⇒	mano	⇒⇒⇒	mão
manus	⇒⇒⇒	manos	⇒⇒⇒	mãos
panem	⇒⇒⇒	pane	⇒⇒⇒	pão ⇒⇒⇒ pão
panes	⇒⇒⇒	pães		
rationem	⇒⇒⇒	razões	⇒⇒⇒	razom (razõ) ⇒⇒⇒ razão
rationes	⇒⇒⇒	razões		
multitudinem	⇒⇒⇒	multidõe	⇒⇒⇒	multidom (multidõ) ⇒⇒⇒ multidão
multitudines	⇒⇒⇒	multidões		

Algumas das fórmulas intermediarias são *conjecturaes*. Houve nesta classe de nome, tanto no sing., como no plur., a quêda uniforme do *n* intervocalico com nasalização da vogal antecedente. Na orthographia archaica essa atenuação do *n* era indicada por uma fórmula menor do *n*, superposto á vogal nasalada; do afastamento das extremidades deste *n*, convertido em signal diacritico, nasceu o til (~). Por influencia analogica, uniformizaram, no sing., sob o primeiro typo morphologico em *-ão*, por mais euphonico; porém, guardaram no plur. diferenciadas as fórmulas primi-

tivas. Ainda hoje no fallar do povo ouvimos *bão* por *bom*, *bões* por *bons*, *dão* por *dom*, *dões* por *dons*. — As fórmias archaicas em *-om* continuam a viver no gallego e no Minho, e na Beira evolucionou em *õu*, segundo nos informa o Dr. Leite de Vasconcellos.

4.º Os nomes que hoje terminam em — *em*, — *im*, — *ôm*, — *um*, tinham em latim o plur. em — *ines* (  $\rightsquigarrow$  *enes* ), — *ines* — *onos*, — *unos*, deu-se nelles syncope da vogal átona da syllaba final: — *enes*  $\rightsquigarrow$  *ens*, *ines*  $\rightsquigarrow$  *ins*, *onos*  $\rightsquigarrow$  *ons* Exs.:

Homem	$\rightsquigarrow$	homines	$\rightsquigarrow$	(homenes)	$\rightsquigarrow$	homens
Imagem	$\rightsquigarrow$	imagines	$\rightsquigarrow$	(imagenes)	$\rightsquigarrow$	imagens
Fim	$\rightsquigarrow$	fines			$\rightsquigarrow$	fins
Tom	$\rightsquigarrow$	tonos			$\rightsquigarrow$	tons
Som	$\rightsquigarrow$	sonos			$\rightsquigarrow$	sons
Jejum	$\rightsquigarrow$	jejunos			$\rightsquigarrow$	jejuns

5.º Os nomes terminados em *n* com valor literal (*abdomen*), e os em *r* e *z*, guardam a fórmula latina do plur. em — *es*:

Abdomen	$\rightsquigarrow$	abdómenes
Lichen	$\rightsquigarrow$	líchenes
Dolmen	$\rightsquigarrow$	dólmenes
Certamen	$\rightsquigarrow$	certámenes
Espécimen	$\rightsquigarrow$	especímenes
Germen	$\rightsquigarrow$	gérmenes
Regular	$\rightsquigarrow$	regulares
Exemplar	$\rightsquigarrow$	exemplares
Raiz	$\rightsquigarrow$	raizes

Quando, na pronuncia o *en* = *em*, como *regimen*, *amen* (pop. *amém*), *joven* (melhor *jovem*), o plur. identifica-se com o paragrapho antecedente — *regimens*, *amens*, *jovens*. G. Viana prescreve *regimens* ou *regimes*. E' corrente entre os escriptores brasileiros estender a pluralização analogica do paragrapho antecedente aos nomes desta classe, taes como — *especimens*, *certamens*, *germens*, *regimens*, com excepção de *canones*, *ademanes*. Esta pluralização brasileira obedece a uma corrente natural da evolução da lingua, que repelle o *n* final com valor proprio, de sorte que as palavras em que elle se conserva são *eruditas* (*lichen*, *canon*, *alumen*, *certamen*, *velamen*), e é natural que taes palavras se plura-

lizem á hespanhola, como querem G. Viana, Cortezão e outros, em — *enes* (*lichenes, canones*). Porém, nas que vão cahindo no uso geral o *n* vae perdendo o seu valor literal, e, talvez, melhor se pluralizem, como entre nós, por uma contracção das fórmãs archaicas — *regimens, germens, especimens, abdomens, amens* e *jovens*, que já se vae graphando no sing. *jovem*. Gil Vicente pluraliza — *jovenes*:

Se os jovenes amores,  
Os mais tem fins desastrados  
Que farão as cans lançadas  
No couto dos amadores.

Obrs. 3—88

6.º Os nomes em — *s*, equiparados no v. port. aos em — *z*, formavam na lingua archaica o plural em — *es*: *alferes* ou *alterez* — *alferez, simples* ou *simplez* — *simplezes*. Hoje taes nomes são uniformes em numero: *o alferes* e *os alferes*, *o pires* e *os pires*, *o lapis* e *os lapis*, *o onus* e *os onus*. A palavra *simples* (b. lat. *simplice*) tem actualmente o plural *simplices*, em se tractando de drogas ou ingredientes de um composto. Como adj., é facultativo o plural *simples* ou *simplices*, sendo preferivel a primeira fórmula.

Estes som chamados boos homeês, symprezes e de boa sympresa (L. Cons. 55) — Ha rasgos *simplices*, que bastam para caracterizar um retrato (A. C.) — Sêde *simplices* como as pombas e prudentes como as serpentes (A. P.) — *Alferes* (*alferes*) volteiam as bandeiras, que *variadas* são de muitas cores (Lus. 4—27).

7.º Os nomes em *x = ce*, como *calix* ou *calice*, *index* ou *indice*, teem o plural alatinados em — *ces*: *calices, indices*. — *Phenix* ou *Phénis* é uniforme: *as aguias, os griphos, as phenix* (ap. Moraes).

Os em *x = cs* são uniformes: *o thorax, os thorax, o ónix, os onix*. *Silex*, entretanto, tem o plural *silices*. — *Flux* (= *flux* ← *fluxum*) só é usado na locuç. adv. — *a flux*.

Obs. Ao subst. *proximo* repugna hoje o plural, tal não acontecia com os antigos escriptores: "Aquelle se pôde chamar bom que usa de bondade nam somente pera si, mas pera os *proximos* (H. P., Imag. l. 308). — "O que importa é salvar a alma propria e a dos *proximos* (A. V. C. 49). — A palavra *familias* na expressão *filho familias*, não é plural, mas um genitivo archaico do lat.

## GRAU.

230. *Grau* dos substantivos é a propriedade de se graduar pela sua flexão a proporção das idéas por elles expressadas.

São dois os graus em que a flexão altera, para mais ou para menos a proporção normal da idéa: o *augmentativo* e o *diminutivo*: *livro* — *livrão* e *livrinho*.

231. ORIGEM DAS FLEXÕES GRADATIVAS. Pauperrimo era o latim de flexões gradativas, e riquissimo é o portuguez. Esta sua riqueza flexional desenvolveu-se, através do latim popular, de suffixos latinos, muitos dos quaes foram adquirindo ora sentido *augmentativo*, a que se ligava frequentes vezes idéa *pejorativa* ou *depreciativa*; ora sentido *diminutivo*, a que não raro se prendia idéa *affectiva* ou de *carinho*.

232. AUGMENTATIVO. Para a idéa augmentativa não possuia o lat. flexão ou suffixo proprio, e era constrangido a ajunctar ao subst. um adj. apropriado, se queria dar aos objectos proporções acima da normal, formando como muitas vezes fazemos, o augmentativo *analytico*: *premit ALTUM corde DOLOREM* (Verg.) *N'alma inferna suffoca a DOR PROFUNDA* (O. M.); *dorsum immane* = *dorso immano* (immenso).

Desenvolveu-se, todavia, de certos suffixos a idéa augmentativa.

a) O suff. augmentativo *-ão* desenvolveu-se do latim — *onem*, que em latim se unia aos *themas* verbaes e nominaes para individualizar e designar uma pessoa, que executa uma acção (M. Lübke); dahi — *chorão*, *brigão*, *comilão*, *beberão*, *chapeirão*, *casarão*, *fradalhão*, *portão*, *garrafão*, *mulherão*, *meninão*, *Gonçalão*, *Manecão*. Como se pôde ver dos exemplos, apparecem muitas vezes como consoantes de ligação, entre o *thema* e o suffixo, as liquidas *r* e *l*, e, ás vezes, *g*: *fradegão*, *rapagão*, *narigão*.

Une-se frequentemente a este suff. o sentido *pejorativo* (*chorão*, *comilão*, *beberrão*, *casarão*, *mulherão*, *Manecão*). — Nem sempre ao suff. *-ão* liga-se a idéa de augmento, com

mo se vê em *cordão*, *cartão*, *carretão*, *violão*; ha mesmo em *cordão*, *cartão*, sentido diminutivo.

b) Os suff. augmentativos — *aço*, — *aça* e — *aç* originaram-se do lat. — *aceum* (*arenaceus*), que traz a idéa de semelhança, designando substantivamente objectos que são maiores que os indicados pelo primitivo, e a que aggrega, a miudo, a idéa secundaria de *grosseria*, *deformidade*, *má qualidade* (M. Lübke). Assim, pois, os nossos suff. — *aço*, e — *aç* trazem da propria origem a idéa *pejorativa* ou *depreciativa*: *mulberaça*, *ministraço*, *bichaço*, *peccadoraço*, *mestraço*, *calbamaço*, *barcaça*, *ladravaç*, *fatacaç* (*fatia*), *truanaç*, *linguaraç*, *rufianaç*, *canaç*, *lobaç*.

c) Os suff. augmentativos — *arro*, — *arra*, — *orra*, hispano-portuguez, é de origem *iberica* ou *basca* (M. Lübke), e encerra a idéa *depreciativa*: *chibarro*, *naviarrá*, *bocarra*, *cabeçorra*.

Ao suff. — *arra* aggrega-se, ás vezes, — *ão*: *homemzarrão*, *canzarrão*, *gatarrão*.

233. DIMINUTIVO. Para o grau diminutivo possuia o lat. algumas flexões proprias, que foram largamente ampliadas pelo romance.

a) O suff. — *inho*, — *inha*, desenvolveu-se do lat. *inum* — *inam*, que era um suff. adjectivo (*asinino*, *canino*, *purpurino*, *argentino*, *levantino*; porém, na fórmula popular — *inho* adquiriu valor *diminutivo*, e, frequentemente, *affectivo* ou *carinhoso*: *passarinho*, *tiozinho*, *casinha*, *florinha*, *padrinho*, *madrinha*, *bonitinho*, *queridinho*, *sanctinho*, *menininho*, *Ernestinho*, *Carlinho*, *Antoninho*, *Francisquinho*. — E', em geral, facultativo intercalar-se um *z* entre o suff. e a palavra: *livrozinho*, *hervaçinha*, *folbaçinha*, *nomezinho*, *peixeçinho*. Quando, porém, a palavra termina por vogal *accentuada*, ou por *diphthongo perfeito* ou *imperfeito*, é de rigor a intercalação do *z* como consoante de ligação: *péziinho*, *mãoçinha*, *cafeçinho*, *paçinha*, *enxoçinha*, *paeçinho*, *avôçinho*, *tioçinho*, *gloriaçinha*, *idéaçinha*, *véoçinho*. Se a prepositiva do diphthongo imperfeito ou do hiato for *o* ou *u*,

póde-se dispensar a ligação: *taboinha, aguinha, canoinha, puinha*.

b) O suff. diminutivo — *ico*, — *ica*, -veio de *iccus-a*, de origem não latina, mas que já apparece na época imperial, em inscripções africanas, unido a nomes proprios de mulher, e posteriormente generalizado (M. Lübke): *burrico, amóricos, pellica, Marica, Tónico, barbica*.

c) O suff. — *ito*, — *ita*, de *ittus*, tambem extranho ao latim, porém já existente em inscripções romanas da época imperial, e, como o antecedente, ligado a nomes proprios de mulheres (*Julitta, Bonitta, Caritta*). Tal suff. teve largo desenvolvimento em hespanhol. Em port., temos: *rapazito, senhorita, pequenito, florita, Annita, Chiquita, Chiquito, Luiçita, Manuelito, Carlito*.

Obs. Os suff. diminutivos do lat. classico ficaram relegados a palavras eruditas; taes são: — *lus*, — *la*, — *lum* (*spatula* → *espatula, globulo*); — *ellus*, — *ella*, — *ellum* (*tabellam* → *tabella*); — *culus*, — *cula*, — *culum* (*particulam* → *particula, radícula*); — *ola* (*aldeola, criançola, cachola*).

## Flexão do adjectivo

234. GENERO E NUMERO. As flexões genericas e numericas do adjectivo são determinadas pelo genero e numero do substantivo a que se refere na phrase. É o phenomeno da concordancia do adjectivo, ou attracção do substantivo, de que tractaremos na Syntaxe.

O processo flexional sobre o numero e o genero do adjectivo é, em geral, o mesmo que o do substantivo, e aqui só estudaremos algumas particularidades.

235. PARTICULARIDADES FLEXIONAES DO ADJECTIVO. Sobre a variação flexional genericas notam-se as seguintes particularidades:

1.<sup>a</sup> Alguns adjectivos determinativos, que possuem trez fórmulas genericas do lat. (*masc., femin., neut.*), passaram, pela obliteração do neutro em port., a funcionar ordinariamente na 3.<sup>a</sup> fórmula como pronomes neutros. Taes são os seguintes:



LATIM

Iste, ista, istud  
 Ipse, ipsa, ipsum  
 Ecu + ille, ecu + illa, ecu + illum  
 Totus, tota, totum

PORTUGUEZ

Este, esta, isto  
 Esse, essa, isso  
 Aquelle, aquella, aquillo  
 Todo, toda, tudo

2.º Os adjectivos em — *or*, — *al*, — *z* eram *uniformes* em genero no port, arch., e só do sec. XVI em deante, por analogia, tornaram-se *biformes*: *dona entendedor*, *linguagem hespanhol*, *gente portuguez*, *minha senhor*, *minha pastor*.

Resistiram, porém, a esta flexão analogica do periodo classico:

a) Os comparativos syntheticos latinos: *melhor*, *peor*, *maior*, *menor*, *interior*, *exterior*, *superior*, *interior*, *ulterior*, *citerior*, *anterior*, *posterior*.

As fórmãs femininas — *melhora*, *peiora*, *superiora*, substantivaram-se.

b) Alguns adj. formados de subst.: *incolor*, *bicolor*, *tricolor*, *sensabor*, *reinol*.

c) Alguns em — *ez*: *cortez*, *soez*, *pedrez*, *montez*.

**Nota.** *Commum* no v. port. tinha o femin. — *commua*, que se obliterou, e é hoje uniforme como — *vaccum*. — *Montez* tinha flexão feminina entre nossos classicos até o sec. XVIII: "Onde ha variedade de caça monteza (Agiol. Port., ap. R. Bluteau) — "Comi dessa fruta, amargosa, monteza" (G. V. I. 317) — "Eu vos conjuro, filhas de Jerusalem, pelas cabras montezas" (A. P.).

236. GRAU. O processo formador dos comparativos e superlativos latinos modificou-se profundamente: o analytismo vernaculo eliminou as fórmãs syntheticas latinas desses dois graus de significação do adjectivo. Na Syntaxe o veremos mais detidamente.

237. COMPARATIVOS. O comparativo organico ou synthetico latino de superioridade em *-or*, foi substituido por uma fórmula periphrastica com o adv. *mais* ( ← *magis*): *justior* = mais justo.

O typo desta fórmula periphrastica já o encontramos no lat. class. (*magis pius*) e mais largamente no b. lat. (*magis egregie*, *plus sapium*, *plus clarum*).

Para este comparativo tomou o port. o adv. *magis* → *mais*; o fr. e o it. tomaram o adv. *plus* → *plus* e *piu*. No v. port. existe este adv. na fórmula *chus*: *chus negros que Satanaz* (T. Port. 127).

Resistiram á corrente *analytica* os comparativos *syntheticos* latinos de — *bom*, *mau*, *grande* e *pequeno* — *melhor*, *peor*, *maior* e *menor* (lat. *melio*rem, *pejore*m, *maio*rem, *mi*norem).

**238. SUPERLATIVO.** O superlativo organico ou *synthetico* latino em—*issimus*, *errimus* e *limus* (*justissimus*, *nigerrimus*, *humillimus*) foi substituido na lingua popular por uma fórmula *analytica* ou *periphrastica* com o adv. *muito* ou outro semelhante, de que já encontramos o *typo* no proprio latim classico, p. ex.: *muito pio* = *maxime pius*. As fórmulas *syntheticas* do lat. class. (*justissimo*, *miserrimo*, *facillimo*) pertencem ao dialecto literario, e foram introduzidas pelos eruditos do sec. XVI.

## Flexão do pronome

**239. PRONOMES SUBSTANTIVOS.** As flexões dos pronomes substantivos ou pessoas são as variações de suas fórmulas indicativas de — *caso*, *pessoa*, *numero*, e (na 3.<sup>a</sup> pess.) *genero*. Essas variações nos vieram dos casos latinos do pronome pessoal, e constituem no port. as reliquias das perdidas declinações da lingua mãe.

### Quadro da declinação dos pronomes

1.<sup>a</sup> pessoa

	<i>Singular</i>		<i>Plural</i>	
	LAT.	PORT.	LAT.	PORT.
<b>Nominativo</b>	<i>ego</i>	<i>eu</i>	<i>nos</i>	<i>nós</i>
<b>Accusativo</b>	<i>me</i>	<i>me, mi (archaico)</i>	<i>nos</i>	<i>nos</i>
<b>Dativo</b>	<i>mihi</i>	<i>mi, mim, me</i>	<i>nobis</i>	<i>nos</i>
<b>Ablativo</b>	<i>mecum</i>	<i>migo</i>	<i>nobiscum</i>	<i>nosco</i>

2.<sup>a</sup> pessoa

	<i>Singular</i>		<i>Plura</i>	
	LAT.	PORT.	LAT.	PORT.
<b>Nominativo</b>	tu	tu	vos	vós
<b>Accusativo</b>	te	te, ti (arch.)	vos	vos
<b>Dativo</b>	tibi	ti, te	vobis	vos
<b>Ablativo</b>	tecum	tigo	vobiscum	vosco

3.<sup>a</sup> pessoa

	<i>Singular</i>		<i>Plura</i>	
	LAT.	PORT.	LAT.	PORT.
<b>Nominativo</b>	ille, illa	elle, ella	(illi, illac)	elles, ellas,
<b>Accusativo</b>	illum, illam	lo → o, la → a	illos, illas las → as	los → os,
<b>Dativo</b>	illi	the	illis → lhes	
<b>Ablativo</b>	—	—	—	—

3.<sup>a</sup> pessoa, pron. reflexivo

	<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
	LAT.	PORT.
<b>Nominativo</b>	—	—
<b>Accusativo</b>	se	se (arch). si
<b>Dativo</b>	sibi	si, se
<b>Ablativo</b>	secum	sigo

240. Sobre as declinações do pronome pessoal cumpre notar:

1.<sup>o</sup> As fórmãs — *mim, ti, si*, são hoje preposicionaes, e representam syntactica e morphologicamente tanto o dativo como o accusativo; não admittem, porém, a regencia da prepos. *com*, que rege exclusiva e pleonasticamente os ablativos — *migo, tigo, sigo, nosco, vosco*, que já encerram na ultima syllaba essa preposição. No port. arch. a lingua não havia ainda perdido o sentimento da presença dessa preposição (*fallar migo*).

2.<sup>o</sup> Não possuindo o lat. pronome da 3.<sup>a</sup> pess., o romance desenvolveu esse pron. do demonstrativo *ille*. O nominativo

plur. formou-se, por analogia, das fórmãs do sing.: *ille* e *illa* — *elles* e *ellas*. As fórmãs ablativas não passaram para o portuguez.

3.º O reflexivo não possui nominativo em lat., nem tão pouco em port., e, conseguintemente, não póde exercer a funcção de sujeito do modo finito, como querem alguns.

## Flexão do verbo

241. As flexões verbaes são variações designativas de — *modos, tempos, numeros* e *pessoas*. O conjuncto dessas variações ou flexões constitue a *conjugação*, como o conjuncto das flexões nominaes e pronominaes constitue a *declinação*.

As flexões verbaes nos vieram das conjugações latinas, que passaram, com algumas alterações, para o portuguez. Estas alterações são de ordem morphologica e semantologica, como passamos a estudar.

242. CONJUGAÇÕES. O lat. possuia quatro systemas de flexões verbaes ou *conjugações*, que se caracterizavam pela ultima vogal do thema ou *vogal característica*, com excepção da 3.ª (4.ª, segundo outros), cujo thema termina em consoante. Passaram para o port. as trez primeiras com suas respectivas vogaes características — **a, e, i**.

### MODO INDICATIVO

#### *Tempo presente*

#### 1.ª Conjugação

LAT.	PORT.
Cant—o	Cant—o
Cant—as	Cant—as
Cant—at	Cant—a
Cant—amus	Cant—amos
Cant—atís	Cant—aes
Cant—ant	Cant—am

#### 2.ª Conjugação

LAT.	PORT.
Deb—eo	Dev—o
Deb—es	Dev—es
Deb—et	Dev—e
Deb—emus	Dev—emos
Deb—etis	Dev—eis
Deb—ent	Dev—em